

REVISTA
DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL
DE TURISMO, PROPAGANDA,
VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE
E LITERATURA □ □ □

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO VI
II SERIE

5 DE OUTUBRO 1921
N.º 112

DIRECTOR : AGOSTINHO LOURENÇO
SECRETARIO : JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL : GUERRA MAIO
EDITOR : F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 — TELEFONE 2337 CENTRAL

FEDERAÇÃO HOTELEIRA

UM GRANDE DESIDERATUM

COMO toda a gente sabe e nós bastante o temos repetido n'estas columnas, a industria da hotelaria tem um primacial papel no desenvolvimento do turismo.

A ela poderá caber a gloria d'um grande exito na atracção dos visitantes, quer nacionaes, quer estrangeiros, assim como se lhe deve attribuir a responsabilidade maxima no insucesso que se possa registar, sobretudo nas localidades classificadas de pontos de turismo, como, tambem, nas estancias de cura e de repouso.

Porque, é preciso que todos comprehendam que a missão dos hoteis, muiro principalmente nas localidades que se impõem ou pela beleza e valôr dos seus monumentos historicos, ou pela excellencia das suas condições climatericas, das suas especiaes aguas ou, ainda, pelo inedito das paisagens que as cercam, não deve resumir-se a, simplesmente, proporcionar aos hospedes um maior ou menor numero de confortos. E' igualmente necessario que os hoteleiros se preocupem com as comodidades que possam oferecer os sitios onde tem instalada a sua industria, muito principalmente para que ela seja verdadeiramente rendosa.

— Para que servirá haver um bom hotel n'um sitio que seja absolutamente inacessivel?

— Que proventos poderá tirar um bom hoteleiro, do estabelecimento que lhe merece os maiores cuidados, se na localidade onde ele estiver situado não houver atracção alguma?

— Quaes as vantagens que se poderão extrahir da immobilisação d'importantes capitales — como a que demanda o estabelecimento d'um bom hotel — se em seu torno não houver, em paralela exploração, as industrias complementares, isto é: os divertimentos que atraiam no local ou nos pontos visinhos facilmente acessiveis cuja notoriedade se recomenda?

E' claro que, apreciando-se estes pontos de vista e outros que seria fastidioso enumerar, se reconhece a natural e imediata necessidade da constituição, pelos interessados, d'um forte agrupamento que represente valor e decisão, impondo-se, se tanto fôr preciso, para a satisfação dos seus desejos, que sob uma criteriosa orientação, nada mais podem representar do que a efectivação de directas e immediatas vantagens em proveito das proprias localidades e em beneficio geral.

Ora esse agrupamento só pode ser a *Federação Hoteleira*, que nos paizes estrangeiros, mórmente na Suissa, tão esplendidos resultados tem dado.

Em o nosso paiz, muito especialmente, a existencia d'esse organismo torna-se cada vez mais necessaria, tanto mais que de dia para dia, mais se vae fazendo sentir a falta d'uma direcção, official e superior, na exploração das industrias que se prendem com o progresso do turismo em todos os ramos que a ele dão sêr e, ainda, d'uma entidade, dependente d'esse organismo official, que fiscalize, que promova a acção directa, que concretise, anime e incite os esforços dos mais interessados na exploração do turismo.

Ora, para se chegar a esse desideratum, precisava-se de revêr e remodelar a legislação sobre tudo quanto diga respeito ao turismo em Portugal, desde a constituição dos serviços officiaes até ao limite maximo onde se devia efectivar a sua acção. Como, porém, isso não é facil de succeder com a rapidez que os factos vão requerendo; e como, por outro lado, se torna realmente

inadiavel a adopção de recursos para a defeza d'interesses de classe, que, sob os pontos de vista apontados, se prendem com os interesses geraes da nação, um caminho apenas se nos apresenta com a maxima viabilidade e com a maior garantia d'exitto: — é a constituição da *Federação Hoteleira*.

Isso depende simplesmente dos proprietarios dos hoteis, e a acção official em nada mais, por emquanto, se pode n'ela fazer sentir, do que na aprovação dos respectivos estatutos, visto tratar-se de uma associação de classe.

E' este um problema que deixamos ao estudo dos nossos hoteleiros.

A idéa está exposta d'um modo geral. A eles resta apreciar'a nos seus fundamentos e nos seus resultados, e em seguida, agir.

Não deixaremos o assumpto de mão: e ser-nos-ha muito agradavel se a *Revista de Turismo* puder prestar o seu concurso para a efectivação d'esse importante desideratum.

JOSÉ LISBOA

EXCURSÃO AO ALGARVE

IMPRESSÕES DE VIAGEM

EM AYAMONTE

No dia em que passámos em Ayamonte, choveu. Isso nos levou ao convencimento de que a chuva cae em Espanha como em Portugal — do Ceu para a Terra. Era, porém, uma chuvasiinha irritante, d'aquela que molha tólos quando estamos em casa.

Esse contratempo obrigou-nos a uma imobilidade, que, todavia, aproveitámos para vêr umas pequenitas dançando debaixo da arcada d'um predio lateral ao jardim publico.

Eram tres. Qualquer d'elas não tinha mais de 12 anos.

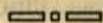
Cada uma possuia o seu par de castanholas, que fazia estalar com inegualavel agilidade; e emquanto duas d'elas, uma em face da outra, exhibiam, com infantil *salero*, algumas danças andaluzas, a terceira, acompanhava com castanholas e canções da região os volteios ageis e graciosos que as duas pequenitas executavam.

D'ahi nos proveiu o conhecimento de que as danças espanholas passam de paes para filhos e assim sucessivamente.

As vozes porém eram rouquenhas, e não destoavam do diapasão de tantas outras que ali ouvimos.

...E se fossemos a aquilatar a entoação das falas visinhas pelas amostras das vozes femininas de Ayamonte, diríamos que em Espanha, principalmente as mulheres, se exprimiam... pelas fossas nasaes.

Sabemos, todavia, que no paiz da *mazanilla* ha vozes tão delicadas que chegam a confundir-se com gorgeios de mimosas aves — cantando e falando...



Ficámos uma noite em Ayamonte, n'uma *fonda* que nos ofereceu um quarto decente, amplo, com boa luz, vinda por uma larga janela sobre uma das *calles* principais e que abundantemente arejava o compartimento.

Interessava-nos ouvir a cantiga dos *serenos*, tão habitual nas terras espanholas; mas o somno, mais poderoso que o nosso desejo, envolveu-nos no completo descanso em que nos mantivemos até o raiar das oito da manhã seguinte.

Aproveitámos ainda esse quarto d'alva para visitarmos o mercado, cujo movimento nos interessou, tal a quantidade de gente que n'ele fazia as suas provisões para o dia.

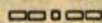
A' sahida em um dos lados d'esse edificio — modesto e sem nada de notavel — deparámos com um quadro interessante: um homem gordo, vestido de cosinheiro, alvo avental e branca boina, fritava, em gordura ardente n'um grande certã, uma massa enroscada, que fazia sahir d'uma enorme seringa.

Predeu-nos, sobretudo, a atenção, a forma agil como esse homem, apenas com duas varinhas sobrecompridas, fazia mover a farinha enrolada como um chouriço sem fim, ora impelindo-lhe um movimento rotativo, ora voltando-a para córar do lado que estava para cima.

Achámos curiosa e pitoresca essa fabrica de *farturas*, que *los guaçons* compravam depois por uma *perra chica*, paga a uma velhota bem humorada e chistosa, que, n'uma banca ao lado do interessante cosinheiro, ia dispondo com atractivo, o producto acabado de cosinhar.

Entrámos depois n'um estabelecimento para comprar algumas lembranças, obtendo ahi a confirmação da forma atrahente como n'essa pequena vila sabem comercialisar.

Tendo apenas em mira trazer simples *recuerdos*, pouco faltou para comprarmos a loja em pézo, com o dono, a dona, os caixeiros e tudo.



Depois d'um opiparo almoço em que Manolo mostrou uma vez mais a sua



AYAMONTE — No Caes de embarque

grande arte de atrahir, deixámos essa vilasita espanhola, d'onde trouxemos boas recordações, avivadas n'uma muito afectuosa despedida no caes.

Largámos para Vila Real, tendo feito a travessia n'uns rapidos minutos, dentro d'um veloz gazolina.

Chegados que fomos ao extremo da bela Terra Portugueza, atravessamol'o rapidamente, para que o confronto não nos conduzisse á tristeza que queriamos separada de nós.

Embarcámos ahi no comboio a sahir para Faro, onde horas depois desembar-

cavamos e tomávamos o caminho do Grande Hotel.

D'este edificio já nos ocupámos desenvolvadamente n'esta Revista, motivo porque apenas registamos agora a confirmação das boas impressões que nos deixou a visita que especialmente lhe fizemos.

Como eram horas de jantar, fomos ocupar o nosso logar na sala de refeições, já reanimados com a limpeza a que nos havíamos imposto.

Soube-nos bem esse repasto, já por ser em a nossa Terra, já pelo conforto espiritual e physico que nos rodeava.

E não passou despercebido esse nosso ar de *burguezes endinheirados* a alguns dos comensaes, que nos inquiriram com olhares cheios de curiosidade.

Constatámo-lo e achámos graça.

Depois de jantar demos uma volta na cidade, que achámos bem iluminada — relativamente.

Estava uma noite amena, e a brisa que vinha do levante era suave.

Estendemos as pernas pela grande ave-

nida, e encaminhámo-nos para o theatro, onde o ruido sonoro e continuo d'uma quezilenta campainha, convidava os passeantes a assistirem ao espectáculo de variedades que então se exhibia ali.

Fomos na onda, para passar a noite e conhecermos o theatro, onde por certo teríamos ocasião de vêr mais de perto uma parte da população farense.

...E não perdemos o nosso tempo, porque alguma coisa d'interessante se nos mostrou á nossa apreciação.

E' claro que não pudemos fazer uma completa idéa da beleza das mulheres e das subtilezas que possam distinguir a raça feminina algarvia da das outras provincias portuguezas. Mesmo isso é uma coisa difficil porque, em Portugal, todas as mulheres são belas, lindas, na acepção maxima da palavra e — sobretudo originaes — cada uma de per si (bem entendido).

...*A bon entendeur, salut...*

A. L.

CARTAS DE PARIS

*Os Pyreneos — Luchon e Superbagners —
Calor extenuante — Vernet les Bains e o
Hotel de Portugal — Um caminho de ferro
electrico impressionante — Font-Romeu e o
seu grandioso Hotel*

DE regresso de Portugal, tinha no meu programa uma nova viagem aos Pyreneos, que já visitára ha dois anos, mas onde não tinha podido então vêr tudo, principalmente a parte da Cerdanha, que é uma das mais interessantes.

A primeira detenção foi, pois, em Luchon, a *Rainha dos Pyreneos*, deliciosa estação d'aguas, assente no pequeno patamar de um estreito vale, que altas mon-

tanhas rodeiam n'um grande abraço de verdura.

Os hoteis sucedem-se em todas as portas, parecendo não haver ali outras casas onde se viva senão hoteis e pensões.

O balneario, vasto e moderno, abre para um extenso parque, onde ha duas arvores de tão largo tronco que seis homens difficilmente as abraçam.

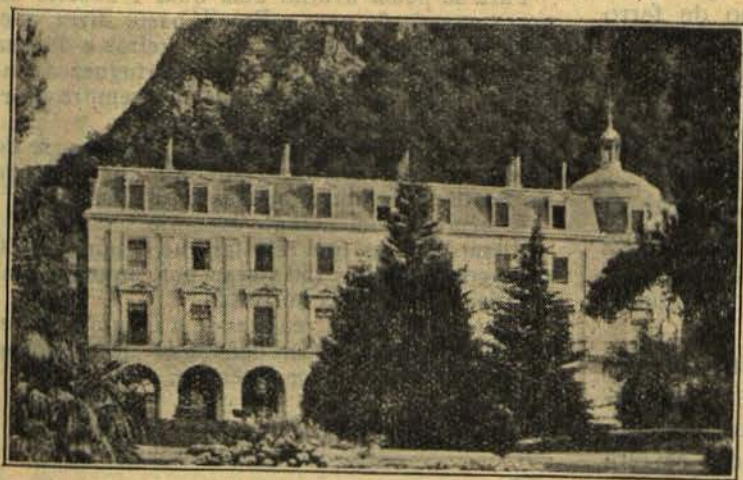
Para o turista, porém, a maior atracção,

é o ascensor a Superbagners, a 1.800 metros de altitude, e que um comboio electrico em cremalheira, vence em 45 minutos.

A ascensão é impressionante, ora nos deixando ver derramada, no fundo do vale, a cidade, ora nos mostrando os vastos vergeis da montanha, sempre com novos aspectos.

Lá no alto, está-se ultimando um grandioso Hotel, pertencente á Companhia dos Hoteis de Montanha, na qual a Companhia do Midi é grande interessada.

Este hotel é destinado a receber os hos-



VERNET LES BAINS - Grande Hotel de Portugal

pedes da estação de verão e os que ali forem por motivo dos desportos d'inverno sobre a neve.

O panorama é surpreendente, sobretudo para os lados de Hespanha, de que se avista uma cordilheira escarpada.

Dois dias em Luchon era bastante. Parti, de lá, porém, com saudades.

Quíz parar em Toulouse, mas o calor esbraseante que tinha feito nos ultimos dias convidou-me a contemplar-lhe de longe, apenas, a torre esguia da sua cathedral. Por isso dirigi-me para a montanha, onde o sol não queimava tanto.

Passado Carcassone, o sol ardentissimo, tingia d'um rubro vivo os vinhedos que

o andar do comboio, como se fosse uma fita cinematographica, fazia desenrolar aos nossos olhos, admirados d'essa sensação.

Narbonne e Perpignan ardiam tambem sob este torrido calôr. Uma paragem em qualquer d'elas era impossivel.

Fugimos para Vernet-les-Bains, *Paraiso dos Pyreneos*, dizem. Não é, porém, um exagero. A famosa estancia, na sua patez e no verde pujante do seu arvored, tem qualquer coisa de Paraiso.

Logo á chegada tivemos uma surpresa agradavel: vimos um carro com uma pequena taboleta, onde se lia o nome do

Hotel Portugal. Não hesitámos. Tomámos logar no carro e para lá nos dirigimos.

E' o melhor hotel da estancia.

Tem um luxo moderno e um conforto superior.

Situado no meio d'um extenso parque onde a agua canta na sua doce queda em bacias de pedra, o *Hotel Portugal* oferece um ambiente onde se respira qualquer coisa de frescura, que n'aquelle momento bem apreciámos.

Vimos depois a saber que esse bom estabelecimento, bem como o balneario, são

pertença da casa Burnay, de Lisboa, e que o antigo chefe d'essa casa, o falecido Conde de Burnay, tinha por Vernet-les-Bains uma grande sympathia.

A estancia tem um aspecto tranquilo e de repouso que parece feito para neurastenicos, ou para aqueles que, fartos da vida intensa das cidades, procuram no silencio a cura dos seus males.

Não é, porém, só para esses, pois lá encontrámos, tambem, gordos eclesiasticos hespanhoes, que passavam as tardes sob as arvores lendo o seu breviario, mas não muito afastados dos risos mundanos dos jogadores de tenis...

No dia seguinte parti para Font-Romeu.

O comboio electrico encarrapita-se pela montanha, na estreiteza do vale, onde um ribeiro, formando deliciosa cascata, vae fugindo por entre penedos mais brancos que o marmore. São duas horas de ascensão. O comboio enfia por séries infundáveis de tuneis, deixando-nos gosar, nos intervalos, o rio que nos aparece ao fundo das vertentes, dando-nos a idéa de que nos quiere atrahir.

Atingido porém Mont-Louis, a linha entra em declive, mostrando-nos o panorama incomparavel da Cerdanha, que se alonga n'um extenso vale, e que vae até Puigcerda, primeira terra de Hespanha, e onde em breve, vae passar o caminho de ferro electrico de Toulouse a Barcelona.

Subamos porém ao Grande-Hotel de Font-Romeu.

Um omnibus leva-nos em 10 minutos.

Tudo ali é sumptuoso.

O atrio é digno d'uma moradia real. O salão de jantar, o salão de fumo, a sala das senhoras, deixam a perder de vista os luxuosos hotéis de Nice e Monte-Carlo.

Subamos ao quartos; o gerente do hotel, apresentadas as credenciaes, acompanha-nos. Pelos corredores fóra nota-se um ar grandioso, se bem que tudo respira simplicidade.

Os quartos, teem todos duas camas, dois lavatorios, para que os hospedes que não queiram esperar, se possam lavar os dois ao mesmo tempo.

Mas, além d'isto, ha duche privativo, aparelho para limpar as botas, cortar as unhas e outro utensilios de applicação particular.

Descemos. Eram horas do comboio, a visita estava feita. Batia porém a hora do almoço. Passámos á casa de jantar. Não sei quanta infinidade de objectos *inuteis* havia sobre a mesa; quiz observar-lhes a applicação, mas uma coisa me reteve mais depressa a atenção: foram as pinturas do friso do teto, onde um artista cheio de originalidade, pintou os precalços succedidos a um cosinheiro apressado.

Paris, Agosto de 1921.

GUERRA MAIO

MARINHA MERCANTE NACIONAL

Navegação para o Brazil

EM virtude do successo alcançado com a linha do Brazil, os Transportes Maritimos do Estado resolveram fazer duas carreiras mensaes entre Hamburgo, Lisboa e America do Sul, uma de carga e outra de passageiros.

Na primeira são empregados os vapores *Inhambane*, *Gôa*, *Fernão Veloso*, *Peniche* e *Cunêne*, e na segunda utilizar-se-hão os paquetes *Traz-os-Montes*, *Porto* e *Lourenço Marques*.

Para a linha do Norte do Brazil, em virtude da crise que estes estados atravessam, continuarão os paquetes *Lima* e *S. Jorge*, e o vapor *Sacavem*.

Para se poder avaliar bem qual o successo da nossa navegação para o Brazil, basta dizer que, apesar da irregularidade das carreiras e da sua grande concorrência, os vapores portuguezes continuam a ser preferidos, navegando sempre abarrotados de passageiros e de carga.

Na sua ultima viagem o vapor *Lima* trouxe do Brazil 560 passageiros, emquanto que o *Alban* da Booth-Line, trouxe apenas para Lisboa 39.

E' bem este um frisanço exemplo.

Além d'isso ha que registar que d'aqueles 560 passageiros apenas 150 vieram por conta dos consulados portuguezes no Brazil.

Começa, enfim, a realizar-se a idéa que a *Revista de Turismo* tem defendido desde a sua fundação, com o maior interesse.

Vapor «Machico»

O vapor *Machico*, dos T. M. E. ex-alemão *Colmar*, que era um magnifico barco de carga, de 6.146 toneladas brutas, tendo sido construido em 1912, acha-se sofrendo uma grande transformação afim de ser exclusivamente utilizado no transporte de passageiros.

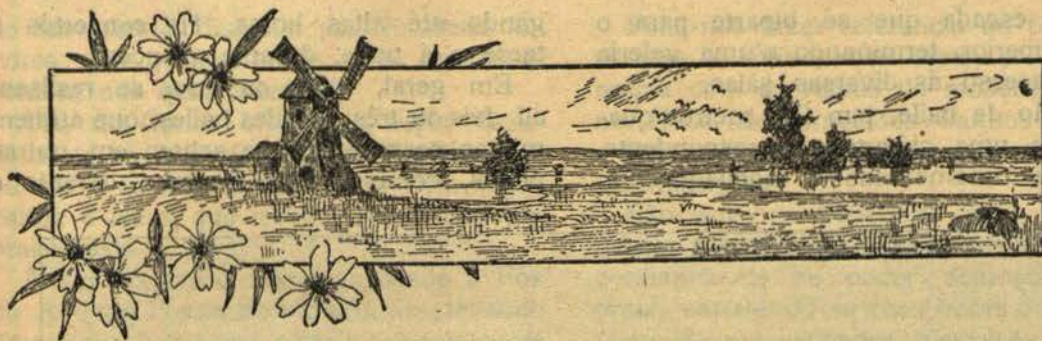
As camaras, que terão todo o conforto e comodidades exigidas em paquetes de luxo, ficarão com 162 logares de 1.^a classe, 120 de segunda e 70 de terceira.

Esta importante obra obedeceu á idéa de destinar este belo barco á carreira da Africa Oriental, para onde deve iniciar o seu serviço no começo do proximo ano.

Fica assim a nossa marinha mercante dotada com mais um esplendido barco.

SOCIEDADE PROPAGANDA DE PORTUGAL

Os socios inscriptos depois de 1 de Outubro só pagam a quota do ano seguinte, começando desde logo a gosar os seus direitos de socio.



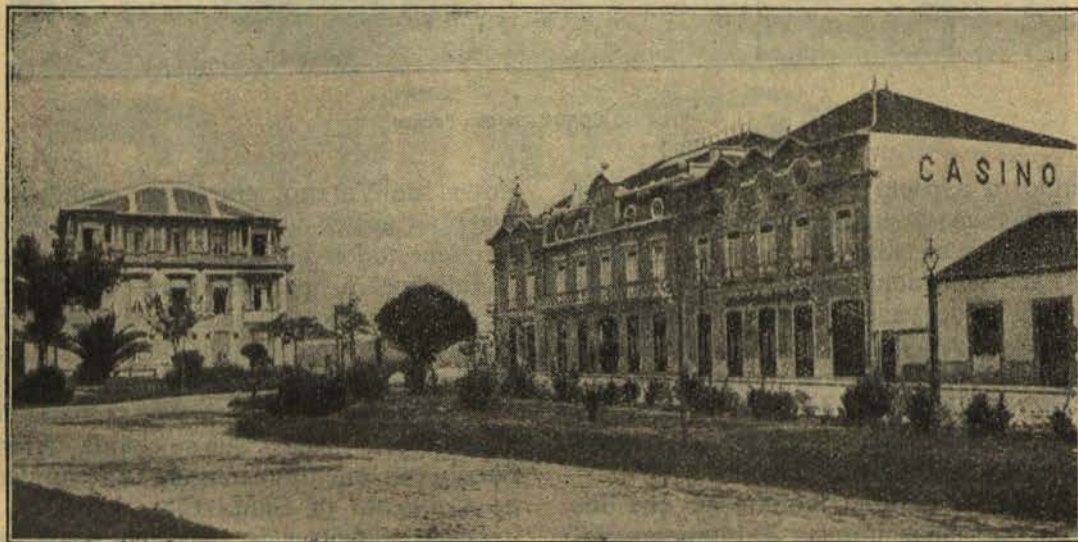
PRAIAS PORTUGUEZAS

VILA DO CONDE

PROSEGUIMOS na descripção que iniciámos em o nosso numero passado, sobre os beneficios com que foi dotada a bela praia de Vila do Conde.

Referimo-nos, então, ao Palace Hotel, e

dade construida especialmente para esse fim, e fica situado na esquina da Avenida Julio Graça e rua Bento de Freitas; tendo, portanto, a fachada principal para o jardim publico. E' um amplo edificio de dois



VILA DO CONDE - Palace Hotel e Casino

d'ele démos uma larga noticia. Hoje vamos ocupar-nos do Casino, e d'outros importantes melhoramentos com que essa praia foi dotada.

O Casino acha-se instalado em proprie-

altos pavimentos, sendo o rez-do-chão occupado pelo café, pelo restaurante e pela bearia, e o primeiro andar pela assembleia.

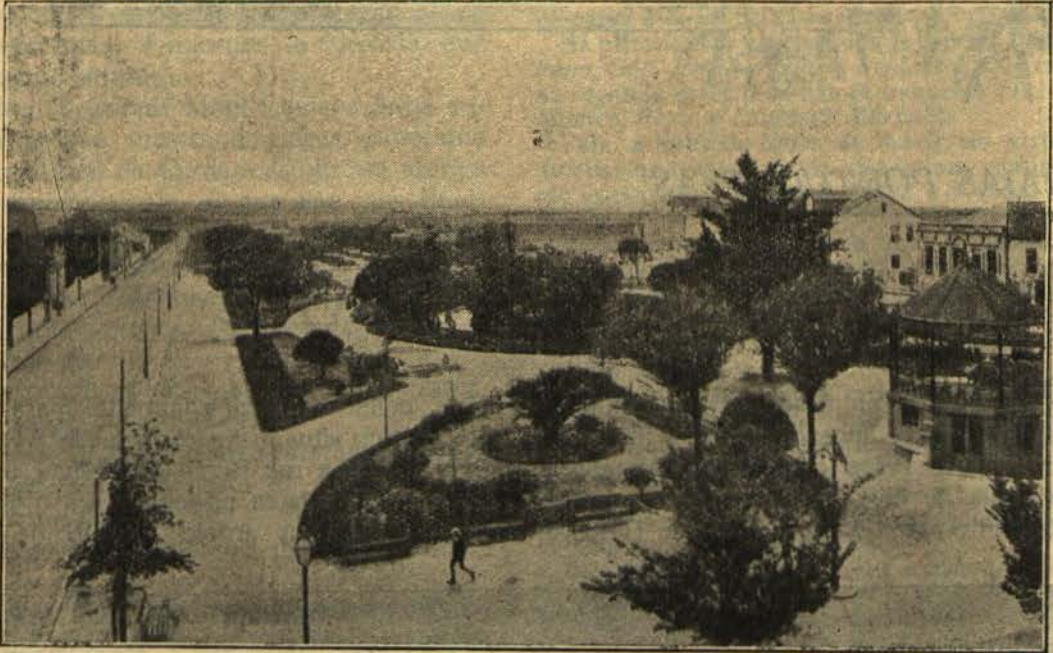
A entrada para esta faz-se por uma larga portaria, ao fundo da qual ha uma

elegante escada que se biparte para o andar superior, terminando n'uma galeria que dá acesso ás diversas salas.

O salão de baile, tem 216 metros quadrados e uma cubagem correspondente. Está bem ornamentado e mobilado, ofe-

gando até altas horas. Ha concertos á tarde e á noite, durante a epoca.

Em geral, todos os anos se realisam ali dois ou três grandes bailes, que atraem muitas pessoas que se acham em outras praias, como a Foz, Espinho, Granja e



VILA DO CONDE - Jardim Publico

recendo o aspecto agradável que se impõe pela sua vastidão. A seguir e em ligação com essa sala, ha outras, igualmente boas, onde se acham o bufete, as mezas para jogos de vasa, secretarias, mezas de leituras, etc. A outro lado fica o salão de reuniões, delicadamente ornamentado e com um mobiliario adequado; e a sala das senhoras, decorada a «marfim», cuja mobilia obedece ao mesmo tom.

De dia, a natural iluminação que lhe provem das suas amplas e inumeras janelas, dá-lhe um belo aspecto de alegria; á noite, a luz electrica, distribuida profusamente, torna-o um quadro de atrahente ppherismo.

E' este um dos sitios mais predilectos da colonia balnear, que n'ele passa agradaveis horas da tarde, e se diverte todas as noites, dançando e conversando ou jo-

Povoa de Varzim, porque as grandes festas no Casino de Vila do Conde marcaram em todos os tempos, por uma especial distinção e por um cunho de sugestiva alegria e de comunicativo bem-estar que em qualquer outra praia difficilmente causam enthusiasmo.

N'uma das ruas principaes acha-se instalado o belo theatro, que se chama «Afonso Sanches», em homenagem ao fundador do Convento de Santa Clara.

O seu edificio é de apparencia sobria, datando a sua construção de 1898.

Presentemente foi reformado e sensivelmente melhorado.

Fica situado na rua Bento de Freitas, muito proximo do bairro balnear e de muito facil acesso.

No sul do jardim publico, que se encontra n'este bairro, ha um belo campo

de *lawn-tennis*, ladeado por frondosas arvores que proporcionam uma agradável sombra aos assistentes.

Vila do Conde oferece a dupla facilidade de se tomarem banhos no Rio Ave, ou no Oceano Atlantico, em bela agua batida e clara, que rebenta suavemente na praia vasta e livre.

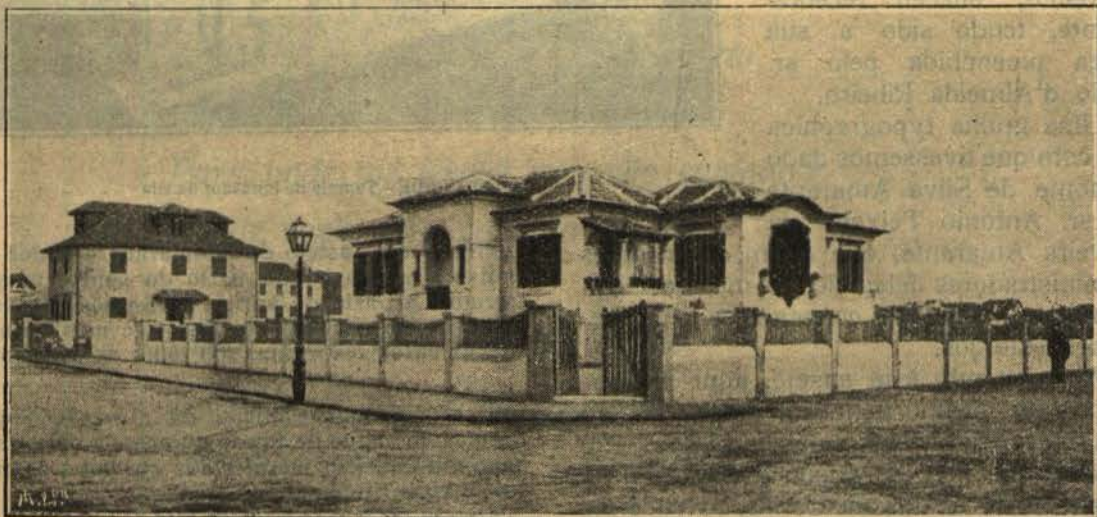
A sua extensão marca-se desde a Foz do Ave até Povia de Varzim, descrevendo uma larga bahia por onde a vista se perde em agradável extasis.

A praia fica inferior ao nivel da terra, dominada, por assim dizer, no prolongamento do bairro balnear, por uma esplendida avenida, que d'aqui a algum tempo será, sem duvida, um passeio favorito dos banhistas.

Do lado em que essa Avenida confina com a terra, possui a Companhia Portuguesa de Turismo uma extensa area de

Falta-nos fazer referencia ao balneario, simples e sobrio, mas instalado de harmonia com as regras da moderna hygiene. N'ele são fornecidos banhos quentes e frios, salgados e doces, nas suas diferentes applicações.

São estes os beneficios mais em evidencia e que proporcionam ao visitante a confiança de se poder demorar n'essa praia, entretendo as suas horas de ocio na visita ás preciosidades historicas que ali carinhosamente se encerram, taes como a casa da Camara, original edificação quinhentista; o pelourinho que lhe fica fronteiro, no jardim Vasco da Gama; a estação agricola; a linda e rica igreja matriz; as igrejas da Misericordia, da Ordem Terceira e da Lapa; a memoria fronteira ao novo hospital da Misericordia; o archaico Convento de Santa Clara; o Castelo; as poeticas margens do Ave; a ermida da



VILA DO CONDE - Casa Minhota

terreno, destinada a edificações que teem de obedecer ao estylo regional.

As condições da vida presente não se compadecem com a exigencia da conclusão d'essa importante obra que, depois de prompta, representará para Vila do Conde um patrimonio d'altissimo valôr, tornando-a certamente a mais interessante praia portuguesa.

Senhora da Guia, e tantos outros motivos e passeios em que Vila do Conde é fertil para atrahir com encanto os seus visitantes.

D'essa bela praia, além de bastas recordações espirituaes de indizível sabor, podem trazer-se igualmente recordações materiaes, principalmente em rendas de bilros, cujo fabrico constitue uma das suas preciosas industrias.

E' tambem interessante a industria das construções navaes, onde se emprega uma grande parte da sua população indigena.

□□□□

Emfim, esta nossa descripção constitue um esboço feito a largos traços, porque o seu relêvo fica muito áquem da realidade, que só pode ser verdadeiramente apreciada por quem passar ali pelo menos, uns quinze dias, que em menos não se pode gozar toda a excelencia que essa boa terra portugueza oferece a quem a visita.

Antes de terminarmos, impõem-se-nos umas rectificações: o sr. Dr. Alberto Thomaz David, que citámos como actual Administrador da Companhia Portugueza de Turismo, faleceu recentemente, tendo sido a sua vaga preenchida pelo sr. Julio d'Almeida Ribeiro.

Uma gralha typographica fez com que tivéssemos dado o nome de Silva Amarante ao sr. Antonio Teixeira da Silveira Amarante, que é um dos actuaes administradores delegados da mesma Companhia e á qual ele consagra os seus melhores esforços.

Aproveitando este ensejo, aqui expressamos ao mesmo senhor o nosso sincero reconhecimento pelas amabilidades e deferencias que nos dispensou por ocasião da nossa visita a Vila do Conde, extendendo tambem o nosso agradecimento ao habillissimo gerente do Palace Hotel, sr. José Wissmann a quem, por lapso de que nos penitenciámos, chamámos Alfredo Wissmann, na nossa anterior descripção.

J. L.

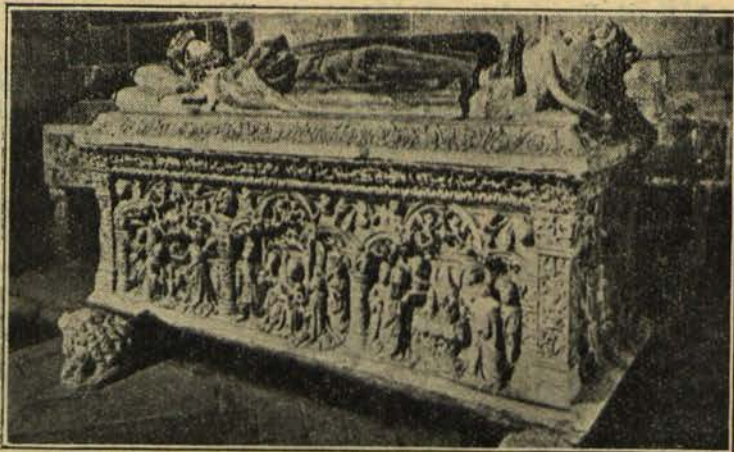
Na séde da Companhia Portugueza de Turismo, Rua Alexandre Herculano, 236, Porto, no Palace Hotel e no Casino de Vila do Conde vendem-se guias illustradas d'esta praia.

CASTELO DE GUIMARÃES

UM GRAVE PERIGO

Sob este impressionante titulo inseriu o *Correio da Manhã* de quarta feira 21 do mez passado, a noticia que transcrevemos integralmente:

«A direcção geral de Belas Artes solicitou do «Ministerio da Guerra que seja urgentemente



VILA DO CONDE - Tumulo do fundador da vila

«retirado do Castelo de Guimarães o paiol da «polvera ali instalado perto do ponto em que «termina a parte do antigo pára-raios, por isso «que põe em risco aquele historico monumento, «documento excepcional sob todos os aspectos.»

E' a confirmação official da 'divulgação que fizemos no artigo de fundo do nosso anterior numero e da incuria manifestada em todos os nossos serviços officiaes.

Aquele facto constatámos nós.

Quantos crimes, porém, semelhantes aquele, se terão perpetrado em outros preciosos monumentos historicos, que só o acaso venha a denunciar?

Aquele facto leva-nos a crêr que o regimento de fartos inspectores que se anicham em todos os serviços publicos, apenas se manifesta por ocasião do pagamento dos respectivos honorarios.

Seja, porém, como fôr, o que é absolutamente indispensavel é que o Governo promova á urgente e rapida mudança do paiol de polvora existente no Castelo de Guimarães, e que mande inspecionar atentamente os outros monumentos a fim de evitar a continuação de qualquer vandalismo que, porventura, tenha sido perpetrado.

ARTE E LITERATURA

SONETO

Passou o outomno já ; já torna o frio . . .

— *Outomno do seu riso maguado.*

Algido inverno ! Obliquo o Sol, gelado . . .

— *O Sol, e as aguas limpidas do rio.*

Aguas claras do rio ! Aguas do rio,

Fugindo sob o meu olhar cansado,

Para onde me levas meu vão cuidado ?

Aonde vaes, meu coração vasio ?

Ficae cabellos d'Ella, fluctuando,

E, debaixo das aguas fugidias,

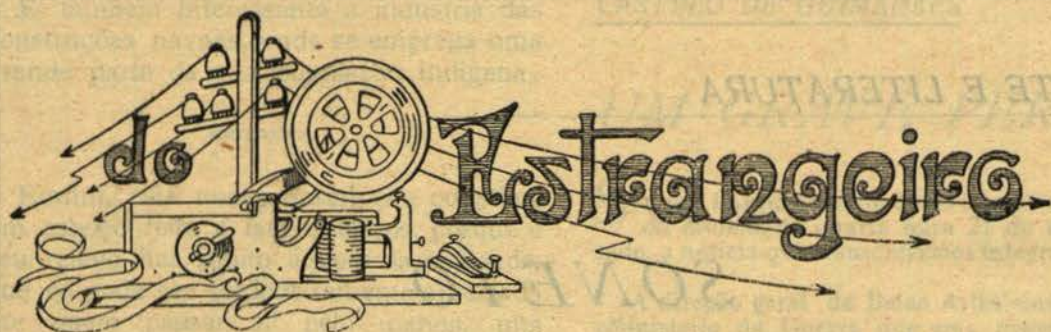
Os seus olhos abertos e scismando . . .

Onde ides a correr, melancolias ?

— *E, refractadas, longamente ondeando,*

As suas mãos translucidas e frias . . .

CAMILLO PESSANHA



Os progressos do Turismo

Só quem, como nós, se interessa por tudo quanto respeita ao turismo mundial e se entretém na leitura das revistas da especialidade, pode constatar quanto a preciosa industria da vilegiatura está sendo apreciada, cuidadosamente estudada e sabiamente explorada em todas as nações que conhecem a excelencia d'essa industria.

E' comprehensivel e muito facil de achar-se o motivo de tanto interesse. Essa industria não demanda materia prima, porque ela existe por toda a parte do globo. Unicamente se torna preciso *saber explorar'a*; o que, sendo um pouco mais difficil, não representa todavia uma incognita que não esteja ao alcance de qualquer intelligencia medianamente cultivada.

A formação de instituições de turismo, veiu facilitar grandemente a resolução d'alguns problemas que se apresentavam de mais complexa solução, justamente pela falta de unidade e de direcção superior. A dispersão de elementos vitaes anulando-se quasi em esforços excetricos, não produzia os resultados que, com extraordinario assombro, se estão manifestando como natural consequencia do movimento concentrico.

Isto é: todos quantos se convenceram de que uma boa exploração da industria de turismo era de efeitos beneficos e productivos; mas que esses resultados só poderiam ser obtidos por meio d'uma natural associação d'interesses; acorreram a submeter-se á direcção da unica instancia

em que se podiam constituir em unidade.

Assim, os Touring-Clubs, os syndicatos d'iniciativa e as federações, tem nascido como cogumelos no campo; e todas essas entidades se subjugam, voluntaria e espontaneamente, á direcção superior que está concentrada nas assembleias geraes do turismo.

E' o que se está passando no estrangeiro.

Porém, como isto ainda não era sufficiente para garantia d'uma parcimoniosa exploração dos turistas mundiaes, as nações mais interessadas n'essa industria, taes como a França, a Suissa, a Belgica e a Italia constituiram-se ha pouco em federação, para mutuamente se auxiliarem na troca dos seus turistas.

Está pois constituido o ciclo dentro do qual o viajante tem de percorrer os itinerarios que lhe marcarem e de esportular toda a soma do seu orçamento de viagem—se não se vir na contingencia de pedir um reforço ás reservas caseiras.

O que é mais notavel na constituição d'este bloco é que Portugal, paiz de turismo por excelencia, foi... systematicamente excluido.

— Certamente por ser conhecido lá fóra como uma irrequieta provincia de Espanha...

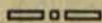
D'esta fórma, as outras nações vão-se reconstituindo, valorisando as suas riquezas e belezas e equilibrando as suas situações economicas com a importação de bom oiro e com a equiparação das respectivas moedas n'um facil e constante intercambio.

Para se avaliar a expansão do turismo, acrescentaremos a interessante noticia da constituição, na Syria, do Touring-Club da Syria e do Libau.

A idéa partiu d'um antigo socio do Touring-Club de França e fundador do *Jornal do Cairo*, sr. Georges Vayssié, que hoje é o proprietario e director do importante periódico *La Syrie*.

Este entusiasta do turismo conseguiu organizar um grupo para a fundação do Touring-Club, sob o alto patronato do commissário francez, o general Gourand, que não só aceitou o logar de honra que lhe foi oferecido, como, inclusivamente, prometeu efectivar o seu concurso para o desenvolvimento material e moral d'esse Paiz; gesto que, aliás, foi logo secundado pelas entidades mais importantes da Syria e de Libau.

Para se fazer uma idéa da importancia que este caso tem para a França, basta dizer que ela, pelas suas instancias competentes, está disposta a favorecer tudo quanto seja possível para um rapido desenvolvimento d'esse seu novo protectorado.



Secundando a obra eminentemente grande de todas as instituições de turismo, as Companhias de Caminhos de Ferro quer em França, quer na Suissa, como na Belgica e ainda na Italia, promovem a realisação de importantes melhoramentos, não só beneficiando o material de passageiros, mas, tambem, ampliando os seus horarios com maior numero de comboios rapidos e comodos, de maneira a facilitar as viagens e a atrahir o gosto pela vilegiatura instructiva.

Por outro lado, as Companhias de Navegação Maritima disputam a primazia, cada uma oferecendo as viagens mais rapidas, comodas e luxuosas por preços relativamente economicos.

A navegação aerea progride como complemento directo do desenvolvimento terrestre, oferecendo aos mais exigentes as comoções d'um transporte fóra do vulgar, e proporcionando os beneficios d'uma rapida e constante correspondencia postal—

o que é de excepcional apreço sob todos os pontos de vista.

Isso facilita sobremaneira as curas de repouso para os argentarios e para os grandes industriaes e comèrciante que pelo seu extenuante trabalho se veem na necessidade de, frequentes e ameadadas vezes, procurarem um repouso para refazerem as forças exgotadas.

Estamos, pois, perfeitamente no período da grande luta pela vida—guerra mais intensa que a cruel hecatombe que assolou a humanidade e que tem sido a origem de todo o incessante movimento que domina actualmente as nações que querem viver.



“*Sud-Atlantique Express*,”

COMO foi resolvido na ultima conferência do trafego internacional, realisada em Maio passado, no Bussaco, o *Sud-Express* deve ser restabelecido a partir do dia 29 do corrente entre Lisboa e Paris, denominando-se *Sud-Atlantique Express*.

Este titulo representa um especial reclamo para o nosso Paiz, indicando assim que é por Lisboa o caminho mais rapido e curto para as nações do Atlantico do Sul (Africa e America do Sul).

Este comboio partirá de Lisboa, ás terças, quintas e sabados, pelo meio dia; devendo o seu regresso fazer-se, sahindo de Paris ás segundas, quartas e sextas-feiras, ás 10,20 da manhã.

Segundo está projectado, em Janeiro do proximo ano, o *Sud-Atlantique Express* circulará diariamente.

Não temos senão que louvar esta iniciativa que é digna do maior concurso para que o nosso Paiz d'ela tire os melhores proveitos.



ASSIGNATURA

| | |
|--------------------------------|------------|
| PORTUGAL (Cont.)—Semestre..... | Esc. 1\$50 |
| Ano..... | Esc. 3\$00 |
| COLONIAS—Ano..... | Esc. 5\$00 |
| EXTRANGEIRO—Ano..... | Esc. 6\$00 |

Numero avulso \$30 (300 réis)

Aliança Internacional de Hoteis

Por iniciativa de S. A. o Principe de Monaco, realizou-se ha pouco, em Nice, o 1.º Congresso Internacional Hoteleiro, cujas sessões, tendo tido logar na grande sala do Museu Oceanografico que Sua Alteza possui n'aquella Cidade, decorreram com extraordinario enthusiasmo, achando-se n'ela representadas as nações que maior interesse teem no progresso da industria de Turismo, taes como a França, a Suissa, a Italia e a Belgica.

Portugal, por uma feliz coincidência, fez-se representar pelo sr. Alexandre d'Almeida, o habilissimo proprietario e director dos Hoteis Metropole, Frankfort e Europe, em Lisboa, e actual arrendatario do Palace-Hotel, do Bussaco.

A idéa que presidiu á reunião d'este Congresso, foi especialmante a de crear relações e entendimentos entre os representantes hoteleiros das nações que disputam a concorrência, principalmente da Alemanha, a fim d'evitar que se renove e intensifique a corrente de estrangeiros que antes da guerra inundavam as suas estações thermaes.

Como é sabido, a Alemanha tinha-se aprimorado em tudo quanto se relacionava com o turismo, proporcionando os maiores confortos nos seus esplendidos hoteis, as mais agradaveis comodidades em transportes por mar e terra, sendo bem notorias as que se disfructavam principalmente nas carreiras maritimas para as Americas.

O seu serviço de propaganda tinha então atingido o limite nunca alcançado pelas outras nações, e a isso deveu, principalmente, aquele grande imperio, a consideravel importação de forasteiros que diariamente fazia pelos seus caes e gares terrestres.

Não é de presumir que a nova luta do imperio germanico para ressarcir-se do fundo abalo em que a guerra a deixou, não abranja esse importante vacuo da vida. Sabemos mesmo que ele começou já preparando as suas coisas para dentro

em pouco se lançar novamente na exploração dos forasteiros.

Por isso, S. A. o Principe de Monaco reconhecendo, sobretudo, a inferioridade dos hoteis francezes para uma eficaz concorrência aos da Alemanha, promoveu a realização d'este primeiro congresso, certo de que a sua boa diplomacia conseguia, muito principalmente, assegurar-se d'uma *entente* entre os concurrentes, e atrahir para a França e para o seu pequeno Paiz as sympathias e o auxilio das outras nações representadas n'esse Congresso.

Pelos resultados obtidos, vê-se que a sua tarefa foi coroada de bom exito, pois ali se instituiu a «Aliança Internacional de Hoteis» que representa a força maxima ou o grande baluarte a opôr ás ambições germanicas.

Não conhecemos ainda o estatuto d'essa Associação, nem os seus fins especiaes; todavia, não é de difficil admitir a hypothese de que tanto uns como outros tenderão, em especial, para a defeza dos interesses francezes.

Seja, porém, como fôr, esse facto representa um frisante exemplo de solidariedade internacional, d'onde é possivel que nos advenha algum beneficio.

Achamos, todavia que a nossa representação n'esse congresso, tendo sido aliás muito distincta, não interpretou a força que lhe adviria d'uma especial delegação de todos os hoteleiros portuguezes, o que só se poderia efectivar se eles se tivessem reunido antes d'esse congresso — o que não nos consta se tivesse realisado.

Esse facto vem mostrar a necessidade da constituição da federação hoteleira portugueza, a que nos referimos no primeiro artigo d'esta Revista; tanto mais que, os interesses de Portugal, pela especial situação do nosso Paiz, não devem subordinar-se d'uma forma geral, aos interesses alheios, que apenas nos atrahem para que lhe possamos sêr uteis.

De resto é essa a idéa claramente exposta por S. A. o Principe de Monaco na entrevista que concedeu ao *Diario de Noticias* por ocasião da sua recente visita a Lisboa. A ela se refere o seguinte periodo que transcrevemos para que fique archivado n'estas columnas :

«Torna-se, pois, necessario—visto que «a hora suou—*desenvolver a estações d'agua francezas*, levando-as a rivalisar «com as alemãs.

E' este um precioso aviso para que nos acautelemos e nos defendamos da concurrencia alheia.

CARTAS DE LONGE

MINHA JOIA

SINTO um inefavel prazer em te escrever estas cartas. Suponho que estou falando contigo, que tu me estás escutando com o especial sorriso de ternura com que acolhes sempre as minhas fundas lamentações. Por isso me enthusiasmo a fazer a descripção da minha vilegiatura, que faço por colorir com as tintas impressionantes que se me fixaram no espirito quando n'ele retratei esses atrahentissimos quadros que deliciosamente gozei.

— Fiquei na minha anterior carta justamente no momento em que uma mudança de comboio nos fez momentaneamente interromper a viagem.

Foi em Campanhã.

Ahi nos deitámos n'essa onda humana que então inundava a gare. O vae-vem de pessoas, as suas diferentes caracteristicas e condições, a que os diversos complementos — taes como cães, malas, creados, meninos, papagaios, etc., davam uma nota muito original, revelavam-nos um quadro phantastico e merecedor d'um especial estudo.

O sussurro que toda essa gente produzia, assemelhava-se aos echos d'um longiquo batuque africano.

Conforme pudemos, fomos abrindo caminho, empurrando um, afastando outro, até chegar ao restaurante, para dar con-

forto aos nossos vasio estomagos, que, todavia, apenas nos exigiam uma leve refeição.

Sentados a uma meza, e enquanto esperavamos que nos servissem o café, o leite e as torradas, fomos divagando o espirito em diferentes campos: primeiramente, saboreámos o prazer visual que sorvemos ao atravessar a grande ponte Maria Pia, disfructando para um lado, o espectáculo interessante da Cidade da Virgem, cuja disposição parece a d'um amphitheatro onde os moradores estivessem apreciando a passagem do Douro, derramando-se em leves catadupas até á Foz; para o outro, as pheericas margens d'esse rio, que nos fizeram pensar em lendas de sonhos phantasmagoricos, em contos de façanhas idilicas, emfim — n'um turbilhão de pensamentos e de recordações sensibilissimas.

Depois, o café, o leite e as torradas trouxeram-nos á realidade positiva dos factos e, d'ahi, ao exame mais minucioso do que então nos circundava.

... E os nossos olhos foram cahir ainda na materialidade humana que, embora menos volumosa, se amolgava na gare, na ancia de obter logar nos comboios que iam chegando.

Entretanto aproximou-se de nós um novel cadete, companheiro d'um proximo parente, que, ao vêr-nos, nos cumprimen-

tou com uma grande expansão de alegria. Parecia que por um phenomeno telepathico, tinha sentido a nossa aproximação e por isso o seu espirito se manifestára com o jubilo de se encontrar com outros que sabia comprehenderem a nova theoria que o estava dominando: o *saudosismo*.

Avido de expôr as suas idéas a respeito de tão transcendente manifestação d'uma néo-philosophia, entreteve-nos com divagações d'um muito curioso estudo. Quando estavamos precisamente no momento mais interessante do seu *saudosismo*, o comboio do Minho levou-o com destino a Viana, onde se ia apresentar nas hostes guerreiro-amorosas.

E assim se nos passou o João Camacho Pereira, tal é o nome do sympathico cadete.

Vimol'ô desaparecer nas sombras do alem, e o nosso espirito ia apreciando a exquisitisse da these que nos propoz, quando o comboio do Douro nos convidou a seguir viagem.

Embarcámos. Um cantinho vazio n'um compartimento, nos atrahiu para um repouso physico e para melhor gozarmos as perspectivas que se nos offerecessem pelo caminho.

Isolámo-nos então, completamente alheios aos restantes passageiros que, na phrase espirituosa e sarcastica de Antonio Ferro, deviam sêr alguns dos etceteras da vida.

Passámos estações e apeadeiros; mas estava escripto que um episodio havia de vir quebrar a monotonia da viagem, para que os incalaveis continuassem a têr motivo para ás suas quezilentas e extranhas apreciações.

Quando o comboio circundava um monte, desejoso de galgar a curva para recuperar o atrazo que já levava, uma gríta infernal partiu do compartimento visinho do nosso.

Foi o caso que a portinhola mal fechada, abriu-se pela trepidação do comboio, levando atraz de si um rapazito dos seus sete anos, que o descuido dos paes consentiu que se debruçasse na janela sem se haverem certificado se podiam confiar na segurança d'essa porta. Depois é que gritavam e lamentavam a sua infelicidade.

Felizmente e em obediencia ao ditado, predizendo que *ao menino e ao borracho põe Deus a mão por baixo*, a pobre creancita nada soffreu além do susto e do trambulhão. Mas para que se chegasse a saber isso, esperámos três dilatados quartos de hora, durante os quaes a nossa rica paciencia se poz á prova.

Por fim lá fomos, e Paredes appareceu-nos pouco tempo depois, para satisfação do nosso mais caro e insaciavel desejo.

Ahi, o teu velho cocheiro, envergando a libré com as cores representativas da tua casa, reconheceu-nos; e com o seu sorriso amoravel — esse sorriso que lhe nasceu no tempo em que recebia os teus antepassados á porta dos marquezes de Viana e do Conde de Farrobo — fez-nos o mais enternecedor acolhimento.

— *Oh! os meninos por cá!*

— *Como o meu amo vae ficar satisfeito!*

E tomando o governo dos dois castanholos que rebocavam a victoria, levou-nos para a *Lavadeira*.

Conieçou, então, uma nova phase da existencia que momentaneamente passámos.

E' um novo capitulo d'esta descripção; por isso reservo-o para a proxima carta.

Muito teu

MARIO DE MONT'ALVÃO

CAPAS PARA ENCADERNAR A «REVISTA DE TURISMO»

Em a nossa Administração Largo Bordalo Pinheiro, 28, acham-se á venda as capas que especialmente mandámos fazer para encadernação dos numeros relativos ao 5.º ano da REVISTA DE TURISMO, pelo preço de Esc. 2\$50 cada capa.

Tambem nos encarregamos da respectiva encadernação mediante o pagamento de \$80.

Para a provincia acresce o porte do correio.

Composto e impresso no CENTRO TIPOGRAPHICO COLONIAL—
Largo Raphael Bordalo Pinheiro, 27—(Antigo Largo d'Abegoria)